

A SUBVERSÃO DO TEXTO BÍBLICO NA MITOPIA DE ROBERT COOVER

Delzi Alves LARANJEIRA¹

- RESUMO: “The Brother”, “J’s Marriage”, e “The Reunion”, de Robert Coover, são exemplos de textos que reescrevem passagens bíblicas. A mitopia de Coover leva o leitor a reconsiderar a versão oficial apresentada na Bíblia, uma vez que os contos questionam significados estabelecidos nas narrativas bíblicas, abrindo novas possibilidades de interpretação para a mitologia cristã.
- PALAVRAS-CHAVE: Reescrita; Bíblia e literatura; ficção pós-moderna; semiótica.

Uma questão que tem sido apontada como central para a ficção contemporânea é a de como reconhecer em temas e convenções, a princípio exauridos, um modelo fundamental para a criação artística. Para Larry McCaffery (1982, p.31), o escritor contemporâneo deve sentir-se livre para reinventar o modelo da maneira que escolher, uma vez que não há uma certeza absoluta e imutável das verdades contidas nas versões recebidas. A validade encontra-se, assim, na própria “mitopia” do autor, na maneira como J. A. Cuddon (1992, p.563) a define: “na literatura, [mitopia é] a apropriação e recriação de material mítico, ou a criação de uma mitologia particular”². Em três de seus textos Robert Coover reescreve episódios bíblicos: o dilúvio, a concepção e a ressurreição de Jesus. Em suas versões Coover insere elementos de distorção e subversão, minando o sentido original do texto bíblico. Assim, a mitopia de Coover adapta os mitos bíblicos a uma nova perspectiva, rearticulando-os e abrindo possibilidades de novas interpretações. A ênfase, a repressão e a recriação de determinados aspectos desses mitos são essenciais para demonstrar o caráter subversivo e revisional da escrita de Coover. Seus contos fornecem alternativas que questionam a Bíblia como uma detentora da verdade e propõem novas maneiras de ler textos considerados “fechados” em termos de sentido e interpretação – o que confere a esses contos uma característica típica da literatura pós-moderna.

Em termos literários, o pós-modernismo é caracterizado por um intenso experimentalismo e também pela formulação de novas teorias sobre a relação entre ficção e realidade. Os textos pós-modernos apresentam estruturas que servem como base para a discussão do próprio ato de escrever. A crítica da escrita pós-moderna geralmente direciona o foco sobre as estratégias ficcionais, que enfatizam a consciência

¹ Doutoranda em Estudos Literários – UFMG – 31270-901 – Belo Horizonte – MG – zizi@mail.gcsnet.com.br

² Todas as traduções de textos em língua inglesa são de minha responsabilidade.

do processo de criação do texto e de suas implicações, as quais incluem os leitores e suas interpretações. Essas perspectivas pós-modernas de análise da literatura contemporânea aplicam-se à descrição da escrita de Coover, mas não são suficientes para abarcar toda a sua obra. Coover é, de fato, bastante interessado em metaficção, mas nem sempre usa tal ferramenta para problematizar as relações entre ficção e realidade. Muitos de seus textos são permeados de convenções do Realismo e Modernismo que operam para questionar qualquer sistema – seja ele ficcional ou não – que requeira para si o *status* de detentor da verdade. Um dos aspectos da obra de Coover pode ser resumido pela afirmação de Kearney de que na literatura pós-moderna ocorre uma “desconstrução” do registro oficial que revela a “pluralidade de histórias que o compõem” (1992, p. 583). Ao enfatizar a possibilidade de muitas versões, a escrita de Coover certamente corrobora essa pluralidade.

O estabelecimento de uma ponte entre os textos bíblicos e os contos de Coover pode ser efetuado através de uma abordagem semiótica baseada na concepção de signo de Charles Sanders Peirce. Para Peirce, o signo é composto de uma relação triádica entre um signo, ou *representamen*, seu objeto e o interpretante que o signo suscita, ou seja, seu significado. É importante enfatizar que, para Peirce, o signo não representa o objeto em todos os seus aspectos, mas em referência a algum aspecto. É o que ele chama de *fundamento* do *representamen*. Julio Pinto (1995, p. 51) considera que “basta um traço que funcione como *ground* ou fundamento, para que o signo seja entendido como signo de, o que significa que não há transparência na significação”. A semiótica de Peirce é adotada como uma perspectiva, a qual permite uma maior compreensão dos processos que ocorrem quando um texto é ativado, ou seja, quando uma demanda para a construção de sentido é requerida. A literatura representa seu objeto como um signo de possibilidade. Assim, ela é um “signo cujo interpretante não é limitado àquilo ao qual ele pode se referir como objeto, isto é, é um signo aberto e indeterminado” (PINTO, 1995, p. 44). Isso quer dizer que um texto literário, enquanto signo, pode gerar interpretantes dinamicamente e infinitamente. Uma maneira de abordar a semiótica literária é descrita por Johansen em sua pirâmide semiótica. Esta pirâmide representa graficamente as relações entre o polo do signo e os outros elementos do processo: o objeto, o interpretante, o emissor (ou remetente) e o interpretador (ou destinatário). Uma investigação sobre a natureza dessas relações fornece os meios para interpretar o signo lingüístico³.

³ É importante salientar, para efeito de nomenclatura, que Peirce distingue dois tipos de objeto e três tipos de interpretantes. Assim, tem-se o objeto imediato, que é representado no contexto de um processo significativo único, e o objeto dinâmico, que origina o processo de semiótica, mas não se limita a um processo único de significação. O objeto dinâmico motiva o signo, mas é focalizado através do objeto imediato. Um exemplo comum de objeto imediato e dinâmico é o retrato de uma pessoa. O objeto imediato é o retrato em si, o objeto dinâmico é a pessoa que ele representa. Todo signo tem um objeto imediato, mas não necessariamente um objeto dinâmico. Quanto aos interpretantes, Peirce define três tipos: o imediato, o dinâmico e o final. O interpretante imediato expressa a gama de possibilidades que o

Considerar a Bíblia sob uma perspectiva semiótica e, nesse caso, sob a teoria peirceana de signos, ajuda a compreender as múltiplas interpretações que emergem quando várias leituras das escrituras ocorrem. Tal variedade é analisada levando-se em consideração que a Bíblia, dentro da cultura, é um interpretante a mais, isto é, ela resulta de um processo interpretativo que envolve as tentativas humanas de entender e conferir sentido à vida e ao mundo. Entendida como um interpretante num processo de semiótica, a Bíblia se torna, de acordo com Peirce, um signo mais desenvolvido” (CP 2. 228)⁴ e, como tal, está sujeito a interpretações ulteriores.

Por um longo tempo, a tradição criada e controlada por uma elite intelectual religiosa reforçou a aceitação de uma verdade fixa para a Bíblia. A evolução da compreensão humana do mundo, traduzida pela evolução dos signos, é responsável pelo fim da permanência de tais imposições. Embora um fundamento religioso pretenda conferir à Bíblia uma derradeira e inquestionável idéia de verdade, equivalente a um interpretante final, outras visões, versões, leituras e releituras da Bíblia sempre atualizam os significados e sentidos conferidos ao texto original, criando novos interpretantes e evitando o estabelecimento de um consenso único sobre seu significado. Sob um ponto de vista semiótico, cada abordagem do texto bíblico é parte de um processo de semiótica, uma vez que cada tentativa estabelece novas relações entre signos e objetos para produzir novos interpretantes. Este pode ser o valor efetivo da Bíblia enquanto texto de suprema importância dentro da cultura: o ser humano é capaz de produzir uma teia de relações a partir dos textos bíblicos com uma enorme gama de interpretações, ainda que absurdas, contraditórias ou ilógicas. Os contos de Coover, por exemplo, escritos à luz dos textos bíblicos, representam mais um passo neste processo semiótico.

A análise dos contos “The Brother”, “J’s Marriage” e “The Reunion” em face dos textos bíblicos demonstra que, como signos, eles representam seus objetos – os mitos bíblicos – de acordo com um determinado fundamento. Os interpretantes que emergem como resultado dessas relações divergem substancialmente dos interpretantes derivados de uma leitura cristã da Bíblia. A subversão dos textos bíblicos realizada por Coover pode ser explicada pela mudança de contexto, ou fundamento, através do qual ele (re)lê e (re)escreve os mitos bíblicos.

signo tem em um determinado momento da semiótica (PINTO, 1995, p. 32). O interpretante dinâmico é a escolha feita pelo intérprete dentro dessas possibilidades. O interpretante final, pelo fato de se configurar como um “efeito último” produzido pelo signo não implica que seja o último interpretante disponível para aquele signo, mas “uma antecipação do curso futuro da semiótica, na qual haveria uma coincidência hipotética entre o interpretante imediato e o final” (PINTO, 1995, p. 31). Essa coincidência, porém, é sempre adiada pela intervenção do interpretante dinâmico, o que evita o estabelecimento de um efeito teleológico final para o signo.

⁴ Existe uma convenção para se referir aos *Collected Papers* de Peirce (aqui abreviado CP) que é: o número decimal da esquerda designa o volume e o número à direita identifica o parágrafo.

Em “The Brother”, por exemplo, é necessário que o leitor conheça a história de Noé e do dilúvio para reconhecer a similaridade dos temas. No conto, o personagem principal narra como ele ajudou seu irmão mais velho a construir um grande barco. Assim que a construção termina, uma forte chuva inunda tudo, inclusive a fazenda onde o irmão mais novo vive com sua esposa, que está grávida. O irmão mais novo pede ajuda para o mais velho, que já está com a família e vários casais de animais a bordo. Ele pede um lugar para si e sua esposa, mas o irmão mais velho apenas acena e vai embora, sem lhe dar uma resposta. Desesperado, o irmão mais novo volta nadando, sobe em uma colina e espera pela morte, tentando entender como seu irmão sabia sobre o dilúvio. O conto termina abruptamente, sem ponto final, indicando que as águas cobriram a colina e afogaram o irmão mais novo.

Existem várias possibilidades de enfatizar como Coover diverge da narrativa bíblica em “The Brother”. Uma delas é o uso que o autor faz da linguagem e técnica narrativa, que revelam uma radical discrepância entre os dois textos. A linguagem do conto em nada se assemelha à do texto bíblico. O dialeto peculiar utilizado pelo protagonista polariza com o tom solene da Bíblia na seguinte passagem:

And the Lord said, ‘I will destroy man whom I have created from the face of the earth; both man and beast, and the creeping thing, and the fowls of the air; for it repenteth me that I have made them’. But Noah found grace in the eyes of the Lord...

Noah was a just man and perfect in his generations, and Noah walked with God. (GENESIS, 1980, 6: 7-9)

A maneira como o irmão mais novo descreve o mais velho como uma pessoa desajeitada e incapaz demonstra a diferença entre os dois tipos de discurso:

he was twenty when I was born and the first thing I remember was havin to lead him around so that he didn’t get kicked by a damn mule him who couldn’t never do nothin in a normal way just a huge oversize fuzzyface boy. (COOVER, 1970a, p. 93)

Se por um lado o texto bíblico mostra a adoção de um padrão oficial de linguagem, em “The Brother” é patente que o discurso do protagonista não está adequado às normas gramaticais. No que se refere à pontuação, somente pontos de interrogação são colocados e muitas vezes a concordância inexistente. A escrita de muitas palavras destoa da norma culta e a inclusão de palavras contribui para enfatizar a diferença entre os dois textos. No conto, o caráter sagrado das Escrituras é ignorado. Nesse sentido, não existe um comprometimento com um tipo de linguagem que poderia ser considerado “adequado” para compor a história.

Outra diferença marcante entre o conto e o texto bíblico é o ponto de vista. Em *Gênesis* 6-9 temos um narrador onisciente, em terceira pessoa, enquanto no conto

o protagonista narra em primeira pessoa. A mudança no ponto de vista confere ao protagonista uma limitação que estabelece o tom da história: desconhecendo a aliança entre Noé e Deus, o irmão mais novo é condenado, juntamente com o resto da humanidade, a morrer no dilúvio, enquanto Noé, sua família e os animais colocados na arca são salvos. Uma clara referência ao fato de ignorar essa aliança torna-se explícita no final do conto, quando, esperando a morte no alto de uma colina, o irmão mais novo tenta elucidar o enigma, percebendo que o que ele considerava ser uma loucura de seu irmão mais velho tornou-se um mistério indecifrável: “*how did he know?*” (COOVER, 1970a, p. 98) é a pergunta que ele se faz e para a qual é incapaz de achar uma resposta. No texto bíblico é claramente afirmado que toda a humanidade, com exceção de Noé, merece ser punida. O conto de Coover questiona a decisão de Deus em relação à sua própria criação. A presença de pontos de interrogação como únicos sinais de pontuação parecem enfatizar essa idéia. As interrogações presentes no conto culminam com a pergunta final: como Noé sabia do dilúvio? O que se constitui em um mistério para o irmão mais novo, torna-se um ponto de partida para o leitor perceber o questionamento que o conto promove. É a mudança do ponto de vista na história que nos permite inferir perguntas tais como: Deus foi justo ao salvar somente Noé? E os outros que, na visão adotada pelo conto, pareciam demonstrar mais amor ao próximo do que Noé? Ao reconsiderar a narrativa bíblica por essa perspectiva, os leitores podem reavaliar um registro oficial recebido como uma verdade por mais de três milênios.

Uma outra possibilidade de abordar o conto parte da premissa de que “The Brother” seria uma “profanação da Bíblia, no sentido de que o conto reinterpreta ou coloca em segundo plano o caráter sagrado das escrituras, trazendo à luz o aspecto humano da história. A autoridade do texto bíblico está sustentada na idéia de que ele representa as palavras de Deus para a humanidade. Como tal, todos aqueles que participam das narrativas bíblicas são pessoas especiais, que tiveram algum tipo de experiência divina ou teofania, diretamente ou não. Normalmente Deus fala com essas pessoas, como no caso de Moisés e Noé, ou envia mensageiros, como, por exemplo, os anjos que aparecem a Adão e Eva e a José e Maria. As personagens bíblicas são envoltas por uma aura sagrada, elas não são retratadas como pessoas comuns vivendo uma vida normal. Esse é um outro aspecto que diferencia o conto da narrativa do *Gênesis*. “The Brother” enfatiza os aspectos humanos da história do dilúvio, cujo protagonista é caracterizado como uma pessoa comum, e não como um personagem sagrado de um texto religioso. Ele trabalha, fala de seus sentimentos, janta com sua esposa, bebe vinho, fabrica um berço para seu filho.

Esta “secularização” demonstra não apenas um outro elemento subversivo, mas também expõe a textualidade da Bíblia, ao remover os contextos religioso e doutrinário, deixando somente o texto a ser explorado. A profanação do caráter sagrado da Bíblia sugerido pelo conto implica em uma carnavalização da história bíblica, que também

reforça a idéia de subversão no conto. Bakhtin introduziu o conceito de carnavalização e conectou-o à idéia de riso, paródia, comédia, improvisação e quebra de hierarquia. A carnavalização aproxima elementos considerados antagônicos como alto e baixo, grande e insignificante, o sábio e o tolo, o sagrado e o profano. A profanação é uma categoria carnavalesca intrínseca pois está relacionada com os sacrilégios, as indecências e as paródias de textos sagrados (BAKHTIN, 1972, p. 106). Esse é o ponto de contato entre o conto e a carnavalização proposta por Bakhtin. Ou seja, a paródia da Bíblia resulta em uma história que subverte o sentido do texto bíblico, ao propor um questionamento do mesmo e enfatizar uma abertura de textos previamente considerados “fechados”.

Um terceiro aspecto do conto que contribui para enfatizar subversão é o uso da ironia. Textos pós-modernos têm feito uso da ironia como uma estratégia para estabelecer “uma divisão ou contraste de sentidos, e também um questionamento, um julgamento” (HUTCHEON, 1985, p. 53). Fundamental para o funcionamento da paródia, como no caso dos contos de Coover, a ironia opera no texto para sinalizar uma distância crítica entre a Bíblia e “The Brother”. Ao mesmo tempo, questiona e até mesmo desmantela o conteúdo das narrativas bíblicas. Em “The Brother” a ironia é um fator determinante para o sentido subversivo da história, uma subversão que leva ao questionamento da narrativa em *Gênesis* 6-9. A emergência de novas interpretações não somente desafia “os sistemas fechados, hierarquizados, totalizados e centralizados” (HUTCHEON, 1998, p. 41), mas também explicita que a intertextualidade no pós-modernismo abre o texto e exclui qualquer noção de fechamento e unicidade de sentido (p. 127). No conto, Coover usa a ironia como um instrumento para questionar os sentidos bíblicos “congelados” no que se refere a Deus e à verdade.

A ironia no conto “The Brother” manifesta-se já no próprio título, que é permeado pela ambigüidade de não se saber ao certo a qual irmão Coover se refere. Caso seja Noé, a ironia se estabelece pelo fato de que, ao abandonar seu irmão mais novo para que morra no dilúvio, seu comportamento denota uma absoluta ausência de idéias fraternais. Se, por outro lado, a referência é ao irmão mais novo, seu destino é caracterizado pela ironia, porque ele valoriza o que Noé despreza: o amor fraternal. Assim, apesar dos defeitos e manias de Noé, o irmão mais novo ajuda-o a construir o barco, além de tomar conta dele. Sua crença na fraternidade é demonstrada quando ele pede um lugar no barco para si e para a esposa, e Noé recusa: “*while I’m still talkin he turns around and he goes back in the boat and I can’t hardly believe it me his brother*” (COOVER, 1970a, p. 97 - grifos meus). Para o irmão mais novo a noção de amor fraternal é uma boa razão para se ajudar alguém. Contudo, ele percebe que, para Noé, as coisas não funcionam da mesma forma. Somente no final ele entende que Noé sabia mais do que ele, e que por isso sobreviveria. O irmão mais novo parece ser um ser humano melhor, mas é Noé quem se salva.

A ironia neste caso, origina-se do desconhecimento do irmão mais novo a respeito da aliança feita entre Deus e Noé. Os leitores familiarizados com o texto bíblico são capazes de perceber a ironia da situação na qual o irmão mais novo está inserido, pois sabem como a história vai terminar. Entretanto, na narrativa de Coover a dimensão divina é descartada e o irmão mais novo é incapaz de prever os acontecimentos. A partir do momento em que Deus chama Noé para avisá-lo de que vai destruir a terra, o destino da humanidade está selado. Os critérios de Deus são claros: somente os bons, justos e obedientes sobreviverão. Na Bíblia, Noé é o escolhido. No conto, o irmão de Noé também parece ser um bom homem, mas sua morte aponta para um sério engano da avaliação de Deus e também para a cumplicidade de Noé nesse engano. No contexto do conto, a aliança entre Deus e Noé enfatiza um sentido oposto ao do estabelecido pelo texto bíblico. Ao invés do Criador justo que salva o bom filho, Deus e Noé emergem como assassinos de toda a humanidade. Essa subversão é, indubitavelmente, marcada pelo paradoxo e pela ironia.

Uma outra abordagem refere-se a uma leitura semiótica de “The Brother”. Dentro desse contexto, o caráter subversivo do conto deriva dos diferentes interpretantes que a história habilita seus leitores interpretadores a criar em relação ao texto bíblico. Visto como um sistema de signos, “The Brother” tem Robert Coover como seu emissor, o produtor do texto. O objeto imediato desse signo é a história do irmão mais novo. A conexão com o texto bíblico se faz pela atribuição de um mesmo objeto dinâmico em ambos os textos: a destruição do mundo por Deus através do dilúvio e a salvação de Noé, conexão essa feita pelos leitores – os interpretadores do conto. A percepção de que o conto refere-se à mesma série de eventos de *Gênesis* 6-9, porém com outras personagens sob um ponto de vista diferente, é crucial para o estabelecimento de interpretantes opostos aos criados pelo texto bíblico.

A visão de Deus como um monstro é um dos interpretantes subversivos que a leitura de “The Brother” permite. Na Bíblia, os atos de Deus não são questionados, somente aceitos. A idéia de que Deus é sempre bom, justo e correto está acima de qualquer questionamento. Ao mudar o foco de Noé e Deus para um suposto irmão de Noé, Coover expõe um lado que não foi considerado pelo emissor do texto bíblico, conhecido por Javista⁵. O Javista escolhe a história de Noé para enfatizar a justiça de Deus. Coover, por sua vez, escolhe o irmão mais novo de Noé para demonstrar o oposto. A história de Noé é a do vencedor, do sobrevivente, a do irmão mais novo é a dos excluídos, dos que não tiveram escolha nem voz na versão oficial.

⁵A definição sobre o emissor e o remetente do texto bíblico não é simples, pois a autoria na Bíblia é uma questão controversa. Sob uma perspectiva cristã, a Bíblia é a palavra de Deus, portanto Deus seria o emissor. O remetente, nesse caso, seria a pessoa que, sob a inspiração de Deus, escreveu o texto. Essa parte da narrativa do *Gênesis* é atribuída ao Javista, que poderia ser considerado o remetente. Historicamente falando, contudo, Deus não é considerado um ator no processo de escrita da Bíblia, porque não é um personagem histórico. Nessa perspectiva, é irrelevante se o autor foi ou não inspirado por Deus. Assim o Javista se configuraria como emissor e a “persona” criada por ele seria o remetente.

A história do irmão mais novo não é marcada pelo caráter sagrado, nem clama para si um *status* de verdade inquestionável. A narrativa do Javista, contudo, não é somente a história da destruição do mundo e da redenção de Noé, ela também pretende transmitir uma mensagem que transcende seu contexto interno. Ou seja, a história de Noé não somente é uma verdade, como constrói toda uma idéia de verdade – a verdade inquestionável de Deus na Bíblia. Tal contexto não existe em “The Brother”, pois como ficção, o conto não reivindica a falsidade ou veracidade de suas proposições, apenas propõe, e “sua validade é verificável somente dentro da ontologia do texto” (JEHA, 1991, p. 70). Como textos, ou seja, signos abertos e indeterminados, o mesmo acontece com as narrativas bíblicas, mesmo se um fundamento religioso força o sentido para esta ou aquela direção. Coover, como o emissor de “The Brother”, transferiu o mito de uma esfera religiosa para uma ficcional. Isso possibilitou aos leitores, dentro de uma gama de possibilidades de interpretantes imediatos, estabelecer um outro interpretante dinâmico para a narrativa bíblica.

A narrativa em *Gênesis* 6-9, como interpretante e, portanto, como signo, torna-se o objeto de “The Brother”, também visto como signo. O interpretante bíblico opera como um sistema modelador, ou seja, fixa uma visão de mundo pelo menos para cristãos ortodoxos e fundamentalistas, ou quem quer que aceite esse interpretante como verdade. Ao considerar as narrativas bíblicas somente como histórias e não como verdades literais, Coover remove delas a carga de um interpretante final. Entendidas como ficção, elas se tornam remas – signos de possibilidades, abertos e indeterminados. Coover menciona que, através da ficção, podemos reformar nossas noções das coisas. Sob essa perspectiva, o interpretante pós-moderno em “The Brother” mostra como verdades estabelecidas podem ser revisitadas.

O segundo conto, “J’s Marriage”, é sobre J, um homem atormentado pelo fracasso de seu casamento. A história começa quando J decide se casar com sua amada, apesar das diferenças. Ele é muito mais velho e mais culto que ela. Como em “The Brother”, o leitor é capaz de reconhecer a referência bíblica. A passagem na qual a mulher sem nome (que pode ser relacionado como Maria) revela a J que está grávida, evoca a concepção virginal de Jesus. O personagem J expressa o que a Bíblia não mostra, ou seja, como a revelação da gravidez de Maria afeta os sentimentos de seu marido. Diferentemente do relato bíblico, nenhum anjo é enviado para explicar a situação a J. Em “J’s Marriage”, Coover muda o texto bíblico ao considerar este episódio a partir de um ponto de vista humano, ao invés de um ponto de vista divino. Contrastando com o mundo do José bíblico, o mundo de J é embebido em uma esfera completamente humana, sem qualquer interferência de Deus. Ao menos, é assim que J pensa.

Até através da história, os aspectos mais íntimos da mente de J, sua angústia, sua concepção de mundo e de Deus são trazidos à luz. J tenta, de uma maneira existencialista, estruturar uma noção de realidade que se adequa às suas convicções,

mas falha por causa da intervenção de Deus. Como o irmão de Noé em “The Brother”, que ignora a aliança entre Deus e Noé, J desconhece as relações entre Deus e sua esposa, assim como seu próprio papel nelas.

A comparação entre o José bíblico e o J de Coover fornece elementos para corroborar a visão de que, em “J’s Marriage”, o José bíblico é retratado de uma maneira radicalmente diferente da versão bíblica. Este é o cerne da subversão do texto bíblico por Coover do ponto de vista semiótico: um interpretante bíblico estabelecido referente à pessoa de José é questionado e leva à formulação de outros interpretantes que minam a visão cristã. Como em “The Brother”, “J’s Marriage” incorpora, no contexto de um processo de significação, o mesmo objeto da Bíblia – a vida de José. Contudo, o fundamento, através do qual estes signos representam este objeto, muda. Se no texto bíblico esse fundamento é baseado na aceitação por José dos fatos da concepção de Jesus, no conto essa aceitação não existe. A consequência disso é a criação de interpretantes não apenas diferentes, mas divergentes. Como em “The Brother”, o elo com a Bíblia em “J’s Marriage” não é explícito: ele depende de que o interpretador tenha “conhecimento prévio com o que o signo denota” (CP 8. 177). Isso significa que, para entender “J’s Marriage” como um signo que representa o mesmo objeto do texto bíblico, os leitores devem saber que José é um personagem bíblico casado com Maria, a mulher que gerou Jesus, o filho de Deus. Este conhecimento, ou o que Peirce chama de experiência colateral – “experiência além daquela mediada pelo próprio signo” (JOHANSEN, 1993, p. 204) – é necessária para entender o universo do discurso do texto de Coover. Ou seja, colocar os “objetos representados pelo signo dentro de uma totalidade, ou objeto total” (1993, p. 204); em outras palavras, estabelecer uma contextualização do objeto.

O interpretante bíblico referente a José mostra-o como um homem bom, que confia inteiramente em Deus. José assume seu papel nas vidas de Maria e Jesus sem aparentar qualquer tipo de dúvida. Ele aceita seu destino porque este é escolhido por Deus. O J existencialista de Coover demonstra uma visão oposta. A partir dos espaços em branco que os Evangelhos relegam à vida de José, o conto de Coover revela que J viveu e compreendeu sua vida como um ser humano e que, além dessa esfera, ele foi incapaz (diferentemente do José bíblico) de construir um sentido para ela. Essa idéia está presente também no terceiro conto, “The Reunion”.

“The Reunion” é baseado no episódio narrado no Evangelho segundo João, no qual Tomé duvida da aparição de Jesus aos apóstolos. Assim como em “The Brother” e “J’s Marriage”, não há referências explícitas às passagens bíblicas. Porém, os leitores são capazes de reconhecer nos personagens de Tomé e Pedro, os únicos que têm nome, as figuras dos apóstolos que seguiram Jesus. A narrativa é sobre um encontro, uma reunião de pessoas que estão, aparentemente, esperando por alguém. Nas outras duas histórias – “The Brother” e “J’s Marriage” –, Coover se mantém, de algum modo, fiel aos acontecimentos da narrativa bíblica. Em “The Reunion”, contudo, ele

muda um fato do enredo original da Bíblia, mudança essa que enfatiza profundamente o aspecto subversivo do conto em relação ao texto bíblico. Nos Evangelhos, o homem que aparece aos apóstolos é Jesus, que foi crucificado pelos romanos. No conto de Coover, o homem que aparece para Tomé, Pedro, a mulher sem nome e o resto do grupo não foi crucificado, mas enforcado.

Em “The Reunion”, no discurso feito por Tomé aos integrantes do grupo, ele menciona que a pessoa pela qual eles estão esperando foi enforcada e, portanto, está morta. Coover simplesmente ignora a crucificação, um dos pilares do Cristianismo, a derradeira prova da morte de Cristo para redimir a humanidade de seus pecados. Crucificação é uma palavra que tem uma conexão imediata com Jesus: a cruz tornou-se o símbolo do Cristianismo. Entretanto, em “The Reunion”, Coover substitui a cruz por uma corda. Essa destruição de um símbolo cristão explicita a crença do autor de que mitos, quando considerados não como uma verdade literal, mas como ficção, podem ser manipulados, distorcidos e subvertidos. Sendo assim, seu caráter dogmático é quebrado, e “sua energias liberadas em novas perspectivas” (ANDERSEN, 1983, p. 323). O discurso de Tomé também enfatiza o humano ao invés do divino e do sobrenatural: para ele, pessoas mortas não ressuscitam. Como em “J’s Marriage”, a visão de mundo de Tomé é construída sobre o que ele considera verdadeiro e possível, sendo que a esfera divina não faz parte dela. Tomé procura na racionalidade uma maneira de reconstruir sua vida após a experiência com Jesus. É por isso que a noção de ressurreição é impossível para ele. Ele se recusa a acreditar num sistema que só pode ser explicado pela fé.

Assim como em “The Brother” e “J’s Marriage”, a identificação do universo de discurso em “The Reunion” depende da experiência colateral dos leitores. O homem enforcado, contudo, resiste a uma conexão direta com a Bíblia. Para interpretar o homem enforcado como sendo Jesus, os leitores devem inferir que a reconstrução do episódio da ressurreição por Coover introduziu um novo contexto para a figura de Jesus. O reconhecimento dessa mudança aponta para a subversão do registro bíblico. Neste registro, Jesus é a figura central do Novo Testamento, ele é o objeto dos quatro evangelhos. Sua ressurreição é considerada como o mais fundamental dos mitos cristãos, significando a redenção da humanidade do pecado e do sofrimento, um renascimento para uma vida espiritual plena. Os narradores dos quatro evangelhos direcionam sua leitura para esse interpretante, quaisquer que sejam seus destinatários e interpretadores. Em “The Reunion”, o homem enforcado, entendido como um interpretante para Jesus, é apenas uma das possibilidades de interpretá-lo dentro do conto. Como signo, o homem enforcado é revestido de uma opacidade que permite a criação de muitos interpretantes, os quais variam de acordo com os contextos, ou fundamentos adotados para interpretá-lo.

Para concluir, podemos dizer que os contos de Coover são inerentemente pós-modernos na sua maneira de realizar uma investigação acerca das potencialidades e

consequências da reformulação de textos. Como reescrita de conhecidos episódios bíblicos, eles questionam como o sentido, gerado no ato de leitura dessas narrativas, contém uma noção de verdade e realidade para os leitores. A valorização das margens, ao invés de um suposto centro, remove a voz da autoridade e traz à tona novas vozes. Nos três contos, Coover privilegia personagens e pontos de vista que são relegados à periferia ou que sequer são considerados nas narrativas bíblicas. A recusa de “fechamento” do texto enfatiza sua permanente abertura a atualizações e revisões. Da mesma maneira que Coover considera as narrativas bíblicas abertas o suficiente para gerar novas histórias, ele conscientemente confere a mesma característica às suas versões. Os personagens sem nome, que resistem à identificações definitivas, apontam para essa abertura. Uma vez que nada pode ser afirmado, os interpretadores são livres para estabelecer as conexões que desejarem.

Os interpretantes em “The Brother”, “J’s Marriage”, e “The Reunion” derivam da sua conexão com as histórias bíblicas, e essa interseção funciona como um fundamento para identificá-las como signos que representam mitos bíblicos. O objeto, contudo, nunca é totalmente apreendido. Assim, o fundamento configura-se como uma perspectiva sobre a qual o signo representa seu objeto. Isso significa que os contos de Coover não estão necessariamente relacionados às narrativas bíblicas: este é um fundamento escolhido para conferir sentido a eles enquanto signos. Outros fundamentos, tais como uma leitura muçulmana, budista ou qualquer outra que não seja cristã ou judia, de “The Brother”, “J’s Marriage” e “The Reunion” criariam diferentes interpretantes para essas histórias. A abertura do texto literário proclamada pelo pós-modernismo pode ser entendida como o reconhecimento da literatura como um signo de objetos possíveis, abertos e indeterminados. O que os escritores pós-modernos estão explorando em suas obras de ficção é a opacidade do signo. Esta última permite, como no caso dos contos de Coover, enxergar a Bíblia sob uma nova perspectiva, indicando que, do ponto de vista semiótico, nenhum sentido é estático.

LARANJEIRA, D. A. Robert Coover’s mythopoea: the Bible revisited. *Itinerários*, Araraquara, n. 21, p. 125-136, 2003.

- **ABSTRACT:** “The Brother”, “J’s Marriage” and “The Reunion” are Robert Coover’s rewritings of well-established biblical passages. Coover’s mythopoea leads the readers to reconsider the official version presented in the Bible, since the short stories question the established meanings of the biblical narratives and open new possibilities of interpretation for the Christian mythology.
- **KEYWORDS:** Rewriting; Bible and literature; postmodern fiction; semiotics.

Referências

- ANDERSEN, R. The artist in Coover's uncollected stories. **Southern Humanities Review**, Auburn, v.17,n.4,p.315-24, 1983.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- COOVER, R. **Pricksongs & Descants**. New York: American Library, 1970a.
- _____. The reunion. **The Iowa Review**, v.1,n.4,p.64-7, 1970b.
- CUDDON, J. A. **Dictionary of literary terms and literary theory**. 3.nd. London: Penguin, 1992.
- GENESIS, 6-9. In: **BÍBLIA Sagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- HUTCHEON, L. **A theory of parody**. New York: Routledge, 1985.
- _____. **A poetics of postmodernism: history, theory, fiction**. New York: Routledge, 1988.
- JEHA, J. C. **A construção de mundos na literatura não-realista**. 1991. Tese (Doutorado em Literatura Comparada), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- JOHANSEN, J. D. **Dialogue semiosis**. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1993.
- KEARNEY, R. Postmodernity and nationalism: a European perspective. **Modern Fiction Studies**, Purdue, v.38,n.3,p.581-93, 1992.
- McCAFFERY, L. Form, formula, and fantasy: generative structures in contemporary fiction. In: SCHOLE, R. et al. (Ed.). **Bridges to fantasy**. Carbondale: Southern Illinois Univ. Press, 1982.p.21-37.
- PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Cambridge: Harvard Univ.Press, 1931-1935; 1938.
- PINTO, J. **1, 2, 3 da semiótica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

